O ANTIGO E O NOVO: SOLUÇÕES ARQUITETÔNICAS CONTEMPORÂNEAS PARA ADEQUAÇÃO DE USO EM CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS

Júlia Nascimento Duarte da Silva (IC) e Guilherme Antônio Michelin (Orientador)

Apoio: PIVITI Mackenzie

RESUMO

As majestosas estruturas históricas ganham destaque por sua grandiosidade, sendo amplamente discutidas dentro do âmbito da arquitetura. Essas edificações encapsulam as diferentes eras da nossa sociedade, narrando a história de épocas passadas. No entanto, muitas edificações históricas protegidas encontram-se em um estado de abandono social e deterioração estrutural, o que torna essencial a busca por sua reintegração na vida cotidiana da sociedade contemporânea, por meio de estímulos adequados que restauram sua antiga grandiosidade. É neste contexto que a requalificação e a reabilitação de edificações desempenham um papel fundamental, como uma oportunidade para inserir essas edificações na sociedade contemporânea, respeitando-as como monumentos únicos. Suas intervenções visam preservar vestígios essenciais da história, ao mesmo tempo que restituem a integridade contextual. Em síntese, encontrar o equilíbrio entre a herança histórica, a memória e a funcionalidade de construções antigas é uma tarefa delicada. Contudo, a análise de casos concretos e a pesquisa bibliográfica esclarecem que a requalificação e reabilitação não apenas revitalizam essas estruturas, mas também as inserem de forma criativa no tecido contemporâneo. Através desse processo, as edificações históricas ressurgem como eloquentes documentos de época, enriquecendo nossa compreensão da história e respeitando a integridade de seu contexto original. O presente artigo reúne análises de projetos que se concentram em ajustes e intervenções em edificações preexistentes, destacando de que forma essas ações enfrentaram e estão superando o desafio do abandono histórico que gradualmente deteriora essas preciosas edificações.

Palavras-chave: Construção Histórica. Reabilitação. Requalificação.

ABSTRACT

The majestic historical structures stand out for their grandeur, extensively discussed within the realm of architecture. These buildings encapsulate different eras of our society, narrating the history of bygone times. However, many protected historical buildings find themselves in a state of social neglect and structural deterioration, making it essential to seek their reintegration into contemporary society through appropriate stimuli that restore their

former magnificence. It is in this context that the requalification and rehabilitation of buildings play a crucial role, serving as an opportunity to integrate these structures into contemporary society while respecting them as unique monuments. Their interventions aim to preserve essential traces of history while restoring contextual integrity. In summary, finding the balance between historical heritage, memory, and functionality of ancient constructions is a delicate task. However, concrete case analyses and bibliographical research clarify that requalification and rehabilitation not only revitalize these structures but also creatively incorporate them into the contemporary fabric. Through this process, historical buildings resurge as eloquent documents of their time, enriching our understanding of history while respecting the integrity of their original context. This article compiles project analyses that focus on adjustments and interventions in pre-existing buildings, highlighting how these actions have confronted and are overcoming the challenge of historical abandonment that gradually deteriorates these precious structures.

Keywords: Historic Building. Rehabilitation. Requalification.

1. INTRODUÇÃO

As construções históricas e tombadas representam vestígios das antigas civilizações e das mudanças sociais que ocorreram em várias cidades ao longo de diferentes épocas, refletindo a ação humana. Entretanto, ao mesmo tempo em que nos permite apreciar memórias do passado, também pode evocar receios de ficar aprisionado em sua herança, sem uma evolução contínua da sociedade.

Em geral, a preservação de um bem histórico em estado de deterioração faz com que se preserve a característica que se instaurou por muitos anos no local, sua permanência remete na população uma lembrança cultural e nostálgica histórica do redor em que a ruína se situa. A requalificação e a reabilitação de um edifício, na maioria dos casos, é a condição para sua sobrevivência quando sua função original desaparece, ou quando as características de sua arquitetura estão deterioradas a ponto de não mais satisfazerem às necessidades e exigências da sociedade.

Buscando perpetuar tais sentimentos, são realizadas intervenções, como as de Reabilitação, permitindo que a construção se mantenha adequada para a utilização, uma vez que já não possuía a capacidade de abrigar qualquer função arquitetônica ou utilitária; e também a Requalificação, pela fala de Sayonara (2013)

> Requalificação é inovação, ou seja, quando um espaço é requalificado significa muitas vezes que é atribuído um novo uso. ou seja, agora o edifício passará a exercer uma função, a qual nunca foi lhe atribuída; é um instrumento para melhoria da qualidade de vida do lugar, promovendo a construção e a recuperação de áreas, valorizando o espaço arquitetônico (Sayonara, 2013)

Surgem assim, projetos que têm como objetivo a requalificação e reabilitação de construções históricas e tombadas, podendo focar na criação de novos objetos arquitetônicos a partir de construções preexistentes e com a implementação de conjuntos/elementos contemporâneos que contribuem para dar uma melhor funcionalidade para o projeto. Como na fala de Lyra

> A readaptação, na maioria dos casos, porém, é a condição para sobrevivência do edifício quando sua função original desaparece ou quando as características de sua arquitetura já não mais satisfazem às necessidades e exigências da sociedade. (Lyra, 2007, p.56)

Dando continuidade neste tema abordado, a primeira etapa desta pesquisa consistiu em um estudo sobre algumas reconhecidas teorias de restauro presentes, em especial, as de Viollet le Duc, Cesare Brandi, Alois Riegl, Emanuele Severino e Gustavo Giovannoni. Assim também, como a leitura crítica de autores de interesse, que analisam as teorias clássicas, como Beatriz Mugayar Kühl com “Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização:

problemas teóricos de restauro", Cyro Lyra, com sua obra "Importância do uso na preservação da obra de arquitetura" e Françoise Choay com "A Alegoria do patrimônio". E como complemento, a leitura e análise de assembleias, reuniões realizadas para a discussão do tema em questão, como por exemplo, a Carta de Veneza (1964) ou de leis vigentes que tem como foco a ressignificação de construções em estado de tombamento. Essa leitura foi fundamental para se visualizar das principais bibliografias, sendo possível traçar um panorama geral acerca das linhas distintas de posicionamento teórico-conceitual sobre o tema.

Em seguida, foi feito um estudo de três diferentes obras de requalificação e reabilitação realizadas, a partir de uma análise histórica e metodológica acerca das intervenções. Esses estudos foram desenvolvidos através da pesquisa bibliográfica em sites complementares, monografias, textos em periódicos de referência, documentos históricos, análises gráficas, fotografias e relatórios já previamente realizados por estudos anteriores. A partir do comparativo desses estudos de caso com as teorias analisadas previamente, foi-se desenvolvendo um posicionamento crítico sobre a relação entre teoria e prática.

Como conclusão, são delineados os caminhos dentro do campo da conservação, explorando as possibilidades de equilibrar a preservação da memória histórica com a busca por inovação, com base nas interações descobertas entre teoria e prática.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. Referencial teórico

No início do século XIX, o restauro estava ainda estava no processo de se instituir como uma ciência e um dos nomes mais reconhecidos dentro deste amplo campo de atuação, e de grande importância para a temática, é o de Viollet le Duc. Dentro de sua linha de pensamento, acreditava que "Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento." (VIOLLET-LE-DUC, 2019, p. 29).

Para o autor, era de extrema importância o conjunto em si da obra, e seu funcionamento; a intervenção é necessária para retribuir o edifício a um estado original, salvando-o de uma degradação iminente que a passagem do tempo causa sobre a edificação, junto com o descaso do homem diante dela. Assim, Viollet-le-Duc postula o retorno a uma pretensa unidade de estilo que marca sua atuação em relação aos monumentos, fundamentando o conceito do denominado restauro estilístico.

Diante de outra visão, Camillo Boito no final do século XIX, nas quais tiveram um destaque para balizar o tratamento de monumentos em estado de degradação. Na visão do arquiteto, o respeito pela materialidade da edificação em suas várias fases deve a todo custo ser mantido, incluindo seu respectivo caráter de antiguidade e autenticidade, de modo a valorizar seu material documental histórico. Mas alinhado a isso, Boito (2008) ainda cita o fato de não se deixar a construção à mercê do tempo, enfatizando como sendo uma crueldade e um terrível crime em relação à obra. Portanto, para o autor, "[...] é necessário que os complementos, se indispensáveis, e as adições [...], demonstrem não ser obras antigas, mas obras de hoje." (BOITO, 2008, p. 61)

Já no início do século XX, o historiador de arte, Alois Riegl em sua obra "O culto moderno dos monumentos" defendia que um objeto para chegar ao estágio de sua preservação, era preciso que fosse atribuído à ele um valor específico, seja ele, valor histórico, artístico ou cultural. A análise de Riegl se estrutura

> Através de categorias de valores, os que chama de rememorativos, ligados ao passado, que necessariamente fazem parte da memória (valor de antiguidade, valor histórico e valor rememorativo). Junto a eles os chamados "de contemporaneidade", que pertencem ao presente (valor instrumental e valor artístico: a) de novidade, b) artístico relativo (JUSTICIA, 2008, p.14)

Na década de 1920, uma nova perspectiva surge no campo da restauração arquitetônica através da teoria de Restauro Científico, apresentada por Camilo Boito. Essa abordagem propunha uma reorientação do foco, colocando a conservação em posição de destaque em relação à restauração. Em contraste com a ideia de recriar uma estrutura em seu suposto estado original, um dos principais contribuidores da teoria Gustavo Giovannoni, abraçava a ideia de aceitar a edificação em sua condição presente, com todas as suas limitações e traços do tempo.

A teoria de Giovannoni não rejeitava a ideia de restauro, mas sim buscava uma abordagem mais cautelosa e sensível, respeitando a autenticidade do edifício. Ele defendia intervenções que se baseassem em evidências documentais e fossem guiadas por conhecimentos científicos. Em vez de um intervencionismo radical, como proposto por Viollet-le-Duc, Giovannoni defendia operações de consolidação e recomposição, visando preservar os traços remanescentes de um monumento.

Sua abordagem era enraizada na compreensão profunda da história e das condições de um edifício, evitando a tentação de impor visões modernas ou idealizadas sobre a estrutura. Ao invés disso, buscava valorizar a autenticidade e a evolução natural da edificação ao longo do tempo. No contexto da restauração de construções históricas, Giovannoni enfatizava a necessidade de respeitar a autenticidade do edifício, evitando a sobreposição de

elementos contemporâneos que pudessem comprometer sua integridade. Ele também via a restauração como uma maneira de revitalizar edifícios antigos, trazendo-os de volta ao uso e à vida, ao invés de apenas mantê-los como relíquias estáticas. Essa abordagem mais científica e humanizada, contrastando com a abordagem mais intervencionista de Viollet-le-Duc, marcou um ponto crucial na evolução do pensamento sobre a restauração arquitetônica e contribuiu para a construção de uma abordagem mais respeitosa e contextual.

A influência duradoura da abordagem de Giovannoni no campo da conservação pode ser observada na elaboração de regulamentos e diretrizes para a restauração de edifícios históricos em diversos países. Sua ênfase na pesquisa histórica, compreensão das camadas do tempo e preservação da autenticidade contribuiu para uma abordagem mais equilibrada e sensível à preservação do patrimônio arquitetônico.

Ao abordar a readequação e reabilitação de edifícios, estas representam abordagens cruciais na preservação e transformação do patrimônio arquitetônico. A readequação envolve ajustar a função e o uso de uma construção histórica para atender às demandas contemporâneas, permitindo que ela mantenha relevância na sociedade atual. Por outro lado, a reabilitação concentra-se na restauração física e estrutural do edifício, buscando melhorar seu desempenho e prolongar sua vida útil, mantendo sua integridade histórica e arquitetônica. Esses conceitos trabalham em conjunto para garantir que os edifícios históricos não apenas perdurem, mas também evoluam de maneira sensível e funcional no ambiente contemporâneo.

2.2. **Estudo de caso**

A designação de uma construção como patrimônio cultural, ou tombado, envolve um contínuo processo legislativo que identifica um conjunto de elementos de interesse público dignos de proteção. Isso visa preservar os valores, cultura, conhecimento e outros aspectos para serem transmitidos às gerações vindouras. Quando essa memória é negligenciada, ocorre a degradação e o abandono desses bens, criando um problema social, especialmente nas áreas urbanas. A readequação de um edifício, em grande parte dos casos, é vital para sua sobrevivência quando sua função original se perde ou quando as características arquitetônicas se deterioram ao ponto de não atenderem mais às necessidades e requisitos da sociedade contemporânea.

Surgem assim, projetos de intervenção que têm como objetivo a requalificação das construções históricas e tombadas. Para o desenvolvimento deste artigo, foram selecionados três estudos de caso para uma melhor análise acerca das diversas possibilidades de ações a serem implementadas. São eles: A estação Red Bull (São Paulo); A Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo); e o Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro).

A seleção desses objetos de estudo foi motivada pela diversidade de usos e tipologias de intervenções, proporcionando uma visão abrangente de várias possibilidades.

2.2.1. **Centro Cultural da Estação Red Bull**

A Estação Red Bull, localizada na cidade de São Paulo, Brasil, representa um intrigante estudo de caso que mergulha nas complexas interações entre o patrimônio histórico e a transformação arquitetônica contemporânea. Inicialmente construída em 1926 como uma estação de energia elétrica, a estrutura testemunhou uma série de mudanças em seu propósito e configuração ao longo dos anos, culminando na sua mais recente adaptação como um espaço multifuncional destinado a eventos culturais e criativos.

Em sua origem, a companhia de energia Light desempenhou um papel crucial na infraestrutura urbana, fornecendo energia elétrica para os trilhos do bonde que cruzavam a cidade, tornando um símbolo para a cidade, o que contribuiu para seu tombamento em 2000, pelo CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo). Sua arquitetura de influência industrial, caracterizada por elementos como tijolos aparentes e estruturas de metal, captura a estética da época e a funcionalidade necessária para a produção de energia. Ao longo das décadas, essa estrutura singular passou por um período de desuso e negligência, refletindo a evolução da tecnologia e as mudanças nas necessidades da cidade.

Contudo, a narrativa da Estação Red Bull não encerrou-se nesse ponto. No início do século XXI, uma colaboração entre a Red Bull e renomados arquitetos desencadeou uma renovação notável. O edifício foi totalmente restaurado, respeitando os preceitos da herança arquitetônica. A intervenção contemporânea foi meticulosamente aplicada para adaptar a estrutura à sua nova vocação como um espaço cultural. Importante ressaltar que, nesse processo, a essência do edifício histórico foi preservada, acentuando a estética e o valor intrínseco de seus elementos originais (figura 1).

A intervenção dos arquitetos na requalificação da construções degradadas se enquadra, de acordo com a definição de Brasil (2005), como uma ação de preservação no patrimônio construído. Essa intervenção abrange um conjunto de medidas, incluindo manutenção, restauração, estabilização e reabilitação, todas voltadas para a extensão do ciclo de vida de uma edificação. Ao adotar essa abordagem abrangente, os arquitetos não apenas salvaguardam o patrimônio construído, mas também contribuem para a sustentabilidade ao evitar a demolição desnecessária. A preservação, nesse contexto, vai além da mera conservação física, incorporando uma perspectiva holística que considera o valor cultural, social e ambiental da edificação.

Figura 1 – Estação Red Bull após restauração

fonte: Pedro Kok 2013

Um elemento arquitetônico, mais especificamente uma escada metálica (figura 2), foi concebido para orientar os visitantes em sua jornada pela Estação Red Bull, desde as escadas até o ápice do quinto andar. Este elemento atravessa o interior do edifício, desempenhando o papel de um guia visual e físico, conectando diferentes espaços e níveis. No topo do edifício, emerge uma marquise de metal, batizada como "folha" (figura 3), que aparenta flutuar sobre o telhado (figura 4). Essa marquise parcialmente cobre o terraço, originando um espaço distinto e singular.

Figura 2 – Escadaria metálica, que leva os visitantes ao quinto andar

fonte: Kok (2013)

Figura 3 - Marquise metálica, visão superior

fonte: Pedro Kok 2013

Figura 4 - Marquise metálica, visão lateral

fonte: Pedro Kok 2013

A trajetória da Estação Red Bull ilustra a habilidade de integrar passado e presente, bem como tradição e inovação, em uma narrativa arquitetônica coerente. A remodelação não se limitou à mera estética, mas abrangeu a interação complexa entre função, contexto histórico e experiência do usuário. Em essencial, a Estação Red Bull emerge como um caso exemplar de como a arquitetura pode ser uma testemunha viva das eras, preservando memórias enquanto adapta-se às demandas contemporâneas.

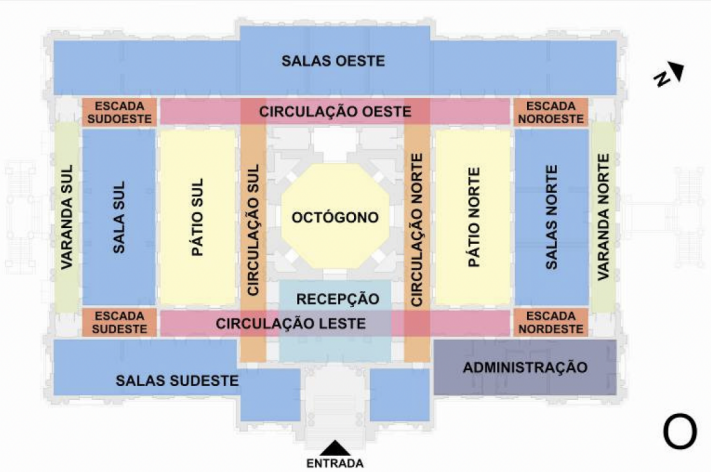
2.2.2. **Pinacoteca de São Paulo**

A Pinacoteca do Estado de São Paulo, localizada na região norte do centro da cidade de São Paulo, Brasil, ostenta o título de ser o museu de arte mais antigo deste estado.

O projeto pioneiro do prédio foi concebido por Francisco de Paula Ramos de Azevedo em 1900, onde seria instalado primeiramente o Liceo de Artes e Ofícios. Caracterizado por uma abordagem monumental, ele estava fortemente alinhado com os princípios do ecletismo

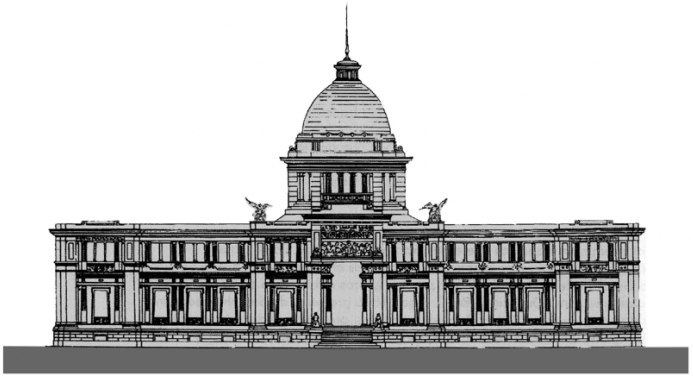
italiano. O edifício, composto por três pavimentos, apresenta uma organização interna que incorpora dois pátios, uma solução arquitetônica que proporciona ventilação e iluminação naturais. O piso térreo abriga um saguão central de impressionante pé-direito, com janelas voltadas para o interior (figura 5). O destaque do design original era uma cúpula que estava planejada para ser a peça central, mas infelizmente nunca chegou a ser finalizada (figura 6). Na construção, foram utilizados materiais importados, como o pinho-de-riga e a cerâmica francesa. O projeto também priorizou a integração entre o edifício e o Jardim da Luz, adotando varandas laterais e janelas voltadas para o parque, como um elo entre a construção e a natureza circundante.

Figura 5 - Pavimento de acesso situação original



Fonte: Beck (2011)

Figura 6 – Fachada do projeto principal de Ramos de Azevedo, com cúpula não construída



fonte: Beck (2011)

O edifício teve uma inauguração parcial em 1900, marcando o início de alguns cursos de instrução primária e artística. Entretanto, o projeto original nunca chegou a ser completamente finalizado, como indicado pelos tijolos expostos na fachada e pátios internos, e pela ausência da cúpula planejada.

Em 1982, foi tombado pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico), seguido pelo tombamento em 1991 pelo CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo). Esses marcos confirmam sua importância simbólica tanto para o centro de São Paulo quanto para o estado em si.

Com a situação não concluída do projeto foi chamado outro arquiteto com a proposta de uma reestruturação espacial da Pinacoteca, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, em 1994. Antes da reformulação do museu, o acesso do público se dava pela escadaria da fachada principal, de orientação leste. A entrada de serviço ficava na mesma fachada, porém no pavimento térreo. As principais linhas de circulação contornavam o octógono central, um átrio de três pavimentos acessível apenas em uma arena no pavimento térreo. As ligações verticais entre os pavimentos estavam restritas às quatro escadas periféricas (figura 7).

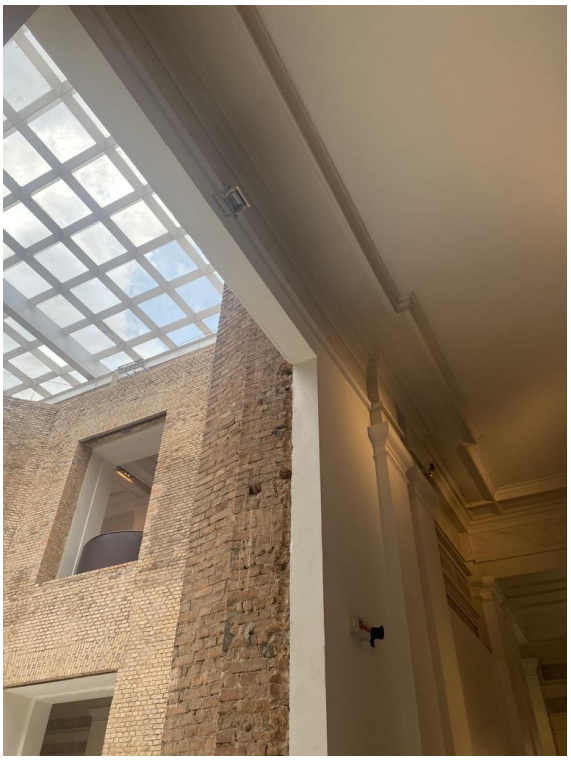
Figura 7 - Pavimento de acesso situação de uso por Mendes da Rocha

fonte: Beck (2011)

O projeto arquitetônico de Paulo Mendes da Rocha estabelece uma conexão profunda entre discurso teórico e prática arquitetônica. O arquiteto reconhece que a verdadeira transformação de um edifício reside na capacidade de ser simultaneamente reconhecível e renovador, inteligível e capaz de provocar surpresa, além de potencializar hábitos urbanos ao abraçar a mutabilidade. Essa abordagem transcende a mera funcionalidade prática, sendo impulsionada por considerações sensoriais e pela fenomenologia do espaço. O projeto afirma-se não apenas como uma expressão arquitetônica, mas também como criador de espaços vitais, reforçando a noção de que a inovação não deve apenas servir a propósitos utilitários, mas também enriquecer a experiência humana em níveis sensoriais e estéticos. Essa fusão entre teoria e prática destaca a visão holística de Rocha, onde a arquitetura não é apenas uma construção física, mas uma narrativa sensorial que eleva e transforma o ambiente urbano.

A decisão proeminente de utilizar elementos brutos, como o concreto aparente, que é característico do estilo de Mendes da Rocha, não apenas estabelece um diálogo com a história, mas também introduz uma nova dimensão de expressão visual (figura 8). O contraste entre materiais tradicionais e contemporâneos acrescenta uma camada enriquecedora ao olhar do observador, proporcionando uma experiência mais rica e envolvente.

Figura 8 – Parede de tijolos em junção a parede de concreto, pintada de branco



fonte: Julia (2023)

A Pinacoteca do Estado de São Paulo apresenta também uma harmoniosa fusão entre a arquitetura histórica do edifício original e os elementos contemporâneos, como elevadores, passarelas e um teto de vidro. Essa combinação de estilos proporciona uma experiência única que respeita a herança do passado ao mesmo tempo em que abraça a inovação do presente.

Os elevadores e passarelas, ao se integrarem de maneira harmoniosa ao edifício histórico, não apenas aprimoram a acessibilidade e a funcionalidade do museu, mas também desempenham um papel significativo na estética geral (figura 9). Em contraste com abordagens disruptivas, essas adições são sutis e cuidadosamente integradas, proporcionando aos visitantes a facilidade de movimentação pelo espaço, ao mesmo tempo em que os convida a apreciar a arquitetura original de novos ângulos. A conexão fluida entre os diferentes níveis da Pinacoteca exemplifica como a arquitetura contemporânea pode complementar e enriquecer a experiência histórica, em vez de competir com ela.

Figura 9 – Elevador e Passarelas no interior da Pinacoteca

fonte: Júlia (2023)

O teto de vidro, uma das adições mais marcantes, traz a contemporaneidade para o interior do museu (figura 10). Ao criar um espaço interno iluminado, esse elemento convida a luz natural a entrar, oferecendo uma sensação de abertura e conexão com o ambiente exterior. A tensão visual entre a modernidade do vidro e a solidez histórica das paredes de alvenaria não apenas celebra a heterogeneidade, mas também destaca a habilidade de Paulo Mendes da Rocha em orquestrar uma convergência estética entre elementos aparentemente contrastantes. Esse contraste intencional não só respeita a herança arquitetônica, mas também a reinterpreta de maneira inovadora, demonstrando que a contemporaneidade pode não apenas conviver, mas também aprimorar a beleza intrínseca do patrimônio histórico.

Dessa maneira, o teto de vidro não se limita a ser apenas uma cobertura, mas se revela como uma expressão ousada que ultrapassa os limites físicos do espaço, desempenhando um papel fundamental na criação de uma narrativa visual que evidencia a coesão entre o antigo e o novo. Essa adição notável não apenas ilumina fisicamente o museu, mas lança luz sobre a narrativa mais ampla da evolução arquitetônica e cultural, proporcionando aos visitantes uma experiência enriquecedora e multifacetada.

Figura 10 – Visão interna da Pinacoteca do Teto de vidro

fonte: Júlia (2023)

A reforma da Pinacoteca por Paulo Mendes da Rocha é uma forma particular de interpretar e alterar a preexistência de uma obra, mas com a visão ao futuro dela. A forma como ele decide unir o passado e o presente, através de objetivos claros, intervenções diretas e argumentos bem construídos, inspirando gerações atuais e futuras a se engajarem com a arte e a história de forma significativa. A visão audaciosa de Rocha, aliada à sua abordagem respeitosa, destaca o papel crucial da arquitetura na preservação e renovação da herança cultural de uma nação. Ao criar um diálogo entre a história encapsulada nas paredes da Pinacoteca e as demandas contemporâneas, ele não apenas transforma um edifício, mas recria um espaço que se torna um catalisador para a compreensão e apreciação da arte ao longo do tempo.

2.2.3. **Museo de arte do Rio (MAR)**

O Museu de Arte do Rio (MAR), localizado no Rio de Janeiro, oferece uma oportunidade intrigante para analisar a fusão entre seu caráter histórico e sua adaptação como um espaço cultural contemporâneo. Inaugurado em 2013, o MAR utiliza uma abordagem arquitetônica que incorpora duas estruturas distintas - o Palacete Dom João VI e um volume de vidro moderno – criando um dialogo vibrante entre o passado e o presente.

O Palacete Dom João VI, uma joia arquitetônica que se enraíza na Belle Époque carioca. Erguido em 1916, este edifício eclético, imbuído de influências neoclássicas e neocoloniais, personifica uma era de esplendor cultural e social no Rio de Janeiro. Originalmente abrigou o Museu da Imagem e do Som, o palacete testemunhou inúmeros eventos históricos ao longo de sua existência. No entanto, após um período de negligência, o

Palacete Dom João VI foi reintegrado à paisagem cultural da cidade como parte do ambicioso projeto do MAR.

A fusão entre esses elementos arquitetônicos não é apenas uma questão estética, mas também uma manifestação conceitual. A relação entre o Palacete e o volume de vidro transcende a mera oposição visual; ela é uma reflexão da própria evolução da cidade (figura 11). A abordagem arquitetônica vai além da restauração histórica convencional, transformando-se em uma narrativa envolvente de metamorfose. Essa síntese eloquente não apenas celebra a história, mas também proclama a natureza dinâmica e em constante evolução do Rio de Janeiro.

O MAR não se satisfaz em simplesmente preservar o passado; ele ressuscita e revigora o legado histórico, envolvendo-o em uma narrativa pulsante e dinâmica. A dualidade entre o Palacete e o volume de vidro não é apenas uma questão estética; é filosófica. Ela retrata a cidade como uma entidade em constante transformação, que presta homenagem às suas raízes enquanto se projeta audaciosamente em direção ao futuro. Nesse contexto, o MAR se revela não apenas como um museu, mas como um testemunho vivo da evolução cultural e arquitetônica, unindo o ontem e o amanhã em uma harmoniosa narrativa visual e filosófica.

Figura 11 - Palacete (direita) e construção de vidro (esquerda)

fonte: Leonardo Finotti, 2013

Além da construção de um novo edifício com características totalmente diversas do palacete, foi incrementado no topo dos dois prédios os conectando uma marquise, ou "folha" como é carinhosamente conhecida, é um exemplo concreto de como a arquitetura pode transcender a funcionalidade e se tornar um símbolo marcante de identidade (figura 12). Erguendo-se majestosamente sobre o telhado do edifício, a marquise possui uma presença

escultural que flerta com a leveza e a inovação, contrastando com a robustez histórica do Museu.

Figura 12 - Marquise conectando as duas construções

fonte: Leonardo Finotti, 2013

Essa adição contemporânea não apenas serve a um propósito estético, mas também desempenha um papel funcional importante. Ela cria um espaço coberto no terraço, proporcionando um ambiente versátil para atividades e eventos. A marquise atua como um elo entre os diferentes elementos arquitetônicos do Museu, conectando o histórico Palacete Dom João VI com o volume de vidro moderno e criando uma transição suave entre o interior e o exterior.

Além disso, a marquise simboliza a abordagem arquitetônica do MAR, que é profundamente enraizada na valorização do patrimônio histórico, mas também comprometida em empurrar os limites da criatividade contemporânea. A marquise, como elemento intermediário entre passado e presente, reflete a própria jornada da cidade e do museu. Ao criar um espaço de interseção onde diferentes épocas e estilos convergem, a marquise convida os visitantes a explorar a riqueza da história enquanto mergulham na energia vibrante do presente.

Dessa forma, a marquise no Museu de Arte do Rio é mais do que um mero componente arquitetônico; ela personifica a essência da transformação cultural e arquitetônica. Como um símbolo da interação entre o histórico e o contemporâneo, a marquise enriquece a narrativa do museu, proporcionando aos visitantes uma experiência visual e emocionalmente impactante que transcende o tempo e os limites físicos (figura 13).

Figura 13 - Visão do palacete e o volume de vidro, cobertos pela marquise

fonte: Leonardo Finotti, 2013

Em resumo, o Museu de Arte do Rio serve como um emblema de como a arquitetura pode ser uma encruzilhada do passado e do presente. Sua abordagem não apenas preserva o caráter histórico, mas também o recontextualiza para uma era contemporânea, dando um novo propósito e significado a uma herança cultural rica. O MAR transcende o conceito de um edifício estático, emergindo como uma plataforma intertemporal onde a arquitetura, a história e a modernidade que convergem e dialogam.

2.2.4. **Sobre os estudos de caso**

Os estudos de caso, mesmo já estando em fases avançadas de restauro, efetivamente ilustram como a readequação dos edifícios históricos pode resultar na criação de ativos sociais e culturais. Evidencia-se que a adaptação de usos para essas estruturas não apenas as transforma, mas também confere um novo propósito, enriquecendo a comunidade. Além disso, a adição de elementos arquitetônicos contemporâneos não compromete a autenticidade histórica e cultural dos bens, demonstrando que a harmonia entre passado e presente é possível de ser alcançada.

Na busca pela preservação do patrimônio, observamos esforços contínuos por parte das entidades de proteção para a reconstrução total ou parcial de edifícios históricos em

estado de degradação. A abordagem de mesclar a herança histórica com as técnicas contemporâneas de intervenção pode culminar em novas criações arquitetônicas que buscam harmonizar a funcionalidade da edificação. Dessa forma, esses edifícios podem ressurgir como símbolos arquitetônicos, renovados em sua importância, enquanto se reconectam com a sociedade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Harmonizar o estado de uma construção histórica, sua memória e sua funcionalidade é um desafio complexo. Mesmo com a nobre intenção de conferir um novo propósito à edificação, há o risco de diluir suas características e simbolismo que ela representa para a sociedade. Enfrentar essa dificuldade é ainda mais complicado considerando a impossibilidade de estabelecer regulamentos genéricos para projetos de reabilitação e requalificação. Cada estrutura possui uma narrativa única e uma forma singular de proteção.

Após compreender os vestígios como testemunhos históricos, medidas foram adotadas, como a adaptação da funcionalidade da construção e a adição de intervenções contemporâneas que destacaram a distinção entre o antigo e o novo, como evidenciado nos estudos de caso desenvolvidos nesta pesquisa. Além disso, há intervenções que buscam reintegrar a imagem ou a volumetria original, ainda que de forma parcial, como observado principalmente na restauração do Centro Cultural da Estação Red Bull.

Por meio da revisão bibliográfica e da análise de estudos de caso, percebe-se uma percepção aprofundada sobre a importância da conservação de construções históricas e do processo de requalificação e reabilitação. Estas estruturas não são apenas objetos a serem preservados; elas representam unidades dinâmicas capazes de se integrar criativamente em novos projetos.

4. REFERÊNCIAS

BECK, M. P. **Arquitetura, Visão e Movimento**: O discurso de Paulo Mendes da Rocha na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Porto Alegre, 2011.

BOITO, C. **Os restauradores**. Tradução: Paulo M. Kühl e Beatriz M. Kühl. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2008. 64 p.

CASTELNOU NETO, A.M. A intervenção arquitetônica em obras existentes. Semina: Ci. Exatas/Tecnol., Londrina, v. 13, n. 4, p. 265-268, dez. 1992.

Centro cultural da estação Red Bull. **Vitruvius**. São Paulo: Arquiteturismo, 2013. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/14.168/5363>. Acesso em: 21 jul. 2023.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. 6. ed. Editora Liberdade, 2017.

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. **Requalificação nos centros históricos brasileiros**. Discutindo o processo de gentrificação em áreas centrais. 2005. Dissertação (ANPUR). UFBA, Bahia, 2005.

DAUDÉN, J. **O que são e quais as diferenças entre retrofit, reabilitação e restauro?** 13 abr. 2020. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/937253/o-que-sao-e-quais-as-diferencas-entre-retrofit-reabilitacao-e-restauro>. Acesso em: 10 ago. 2023.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**. Trajetória da política federal de preservação no Brasil. 4. ed. Editora UFRJ, 2017. 328 p.

GRANATO, M. **Reflexões sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia na Atualidade**. Revista Memória em rede, v.3, n. 4, 2011.

LYRA, C. C. **A importância do uso na preservação da obra de arquitetura.** UFRJ, v.13, n. 13, p. 53 - 58, (2006)

MAR – Museu de Arte do Rio / Bernardes + Jacobsen Arquitetura. **ArchDaily Brasil**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-108254/mar-museu-de-arte-do-rio-bernardes-jacobsen-arquitetura>. Acesso em: 23 jul. 2023.

KAMITA, J. M. **Sobre o MAR.** Arquitextos, São Paulo, 13.155, Vitruvius, mai 2013. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.155/4759> Acesso em: 13 jul. 2023.

Kühl, B. M. (org.). **Gustavo Giovannoni: textos escolhidos**. Tradução: Renata C. Cabral, Carlos R. M. De Andrade e Beatriz M. Kühl. 1. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2013. 208 p.

Kühl, B. M. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização:** problemas teóricos de restauro. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2018. 328 p.

RIEGL, A. **O culto moderno dos monumentos**: e outros ensaios estéticos. Tradução: João T. Proença. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2016. 173 p.

VIOLLET-LE-DUC, E. E. **Restauração**. Tradução: Beatriz M. Kühl. 4. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2019. 80 p.

Contatos: juliands0509@gmail.com e guilherme.michelin@mackenzie.br